

## **O Diário de Ribeirão Preto**

**29/5/1985**

### **A marmita, o suor, a vida incerta. São os bóias-frias**

Galeno Amorim

A história da apanhadora de laranja Flor-de-Nice dos Santos, 23 anos, pode até ser considerada um pouco dramática, mas o certo é que se repete com frequência no dia-a-dia do interior paulista e reflete a maneira em que vive a maioria dos 250 mil bóias-frias da região de Ribeirão Preto, no norte do Estado. Desempregada há dois meses, assim como outros quatro irmãos maiores, ela tenta sobreviver junto com uma família de mais 13 pessoas, onde, atualmente, apenas um está empregado.

A mãe, morreu há um mês e nem dinheiro para fazer o enterro eles tinham. Os 90 mil mensais que ganha Edvaldo, de 27 anos, como carregador num depósito de laranja de Bebedouro — o maior produtor de citros do País — mal dá para pagar a prestação de uma casa de três quartos no Jardim Menino Deus, um bairro pobre na periferia da cidade. Aliás, as prestações da Cr\$ 150 mil estão atrasadas há sete meses e o BNH quer tomar a casa.

Aparelho de televisão ou rádio nunca tiveram, a única geladeira que a família conseguiu comprar, numa loja de eletrodomésticos usados, está com as prestações atrasadas. "O homem já veio várias vezes para buscar", conta o irmão menor de quatro anos. Como não tem dinheiro para frequentar clubes ou bares da classe média — ou mesmo se divertir na frente da televisão — Flor-de-Nice, vai dormir muito cedo — a maioria das pessoas da casa vai no mesmo horário, e acomoda-se no chão dos quartos e da sala — para poder acordar às 4 horas da madrugada, apesar de apenas um estar empregado. "É um costume antigo", diz ela.

O dinheiro que o padrasto Antonio Miguel dos Santos, 70 anos, aposentado por invalidez, recebe do Funrural — cerca de Cr\$ 20 mil mensais — é muito pouco e não dá nem para saldar as pequenas despesas. "Já cortaram a luz e a Prefeitura avisou que vai cortar a água. O gás, mesmo que tivéssemos alguma coisa para a bóia, a gente não tem para cozinhar", queixa-se a moça que cursou até o segundo ano do primário e abandonou os estudos para ajudar no orçamento familiar.

A comida que coleta diariamente entre os vizinhos e amigos é preparada num fogão à lenha no fundo do quintal, mas não dá para todos. Os menores comem todos os dias porque estão sob os cuidados de instituições de caridade do município — dois na creche e quatro no orfanato. Quando chegam em casa, no final da tarde, dificilmente encontram janta. "Essa vida é dura pra gente, reclama Flor, acrescentando que laranja que a gente colhe a gente não pode chupar".

"A fruta — compara ela — é doce para os donos dos pomares, mas pra nós ela é azeda e amarga que nem dá gosto". A vida inteira, diz, sonhar em trabalhar numa fábrica, melhorar a situação financeira, arrumar um namorado e casar de "papel passado" para constituir uma família. Como ela, as irmãs menores também abandonaram a escola cedo e, após um rápido estágio como empregada doméstica, foram para os laranjais onde não estão agora porque a safra da laranja ainda não começou em sua plenitude na região. Desde os 12 anos na lavoura, Flor-de-Nice se considera uma boa colhedora e consegue apanhar, quando lhe dão um número suficiente de caixas, de 40 a 50 caixas por dia.

### **MISÉRIA IGUAL**

A vida do casal Reinaldo Miguel e Elza Fernandes da Costa, ambos com 30 anos, nos canaviais de Pitangueiras, a 30 quilômetros de distância, não é tão trágica, mas a dureza e a

miséria são a mesma. As duas mulheres têm, além da difícil situação econômica, uma outra coisa em comum: ambas foram vítimas da violência na greve dos apanhadores de laranja e cortadores de cana neste final de semana. Flor já se acostumou a correr do pelotão de choques da PM para não apanhar; Elza não teve a mesma sorte e ostenta grandes hematomas nas pernas e nas costas, as marcas da repressão policial durante ou piquetes.

Somados, os salários de Elza e Reinaldo, representam Cr\$ 200 mil mensais e, só de aluguel dos dois cômodos em que moram, no Bairro São Sebastião, pagam Cr\$ 250 mil, sem contar outros 22 mil de energia elétrica e quase o mesmo valor de água e esgoto. "O dia que a gente trabalha até dar vontade de morrer, dá pra cortar umas três toneladas", diz ela, contando que esforça-se para saldar todas suas dívidas para não ser chamada de "vagabunda".

Eles vieram do interior de Minas Gerais há cinco meses para estudar os três filhos menores, mas até hoje não conseguiram ingressar numa escola. "A gente não tem dinheiro nem para a roupa deles", conta a mulher. "Sabe, moço, — lamenta — nessa situação, não faz diferença morrer ou viver, só tenho dó das crianças que não pediram pra vir ao mundo". As crianças ficam em casa com os pais de Elza, mas logo, também irão para os canaviais, "para aprender a trabalhar".

A vida dos bóias-frias não chega a ser a tragédia que cantam as músicas de viola, diz uma socióloga da Unesp, mas "realmente é dura por causa das condições de trabalho, sendo transportados em caminhões sem nenhuma condição de transporte e fazendo jornadas de até 15 horas diárias". Os salários, admite ela, até que seriam razoáveis se tivessem o emprego durante todo o ano. O problema é que trabalham em culturas zonais e têm emprego certo em apenas seis meses do ano, ficando o resto do ano fazendo "bicos" ou vivendo do dinheiro ganho na safra.

Um grande contingente sem especialização chega todos os anos de outros Estados, sonhando ganhar algum dinheiro e voltar para suas terras cidades da origem. É o caso do mineiro José Antonio Marinho, de 24 anos, que mora com um amigo num quartinho do 2,5 metros quadrados — onde cabe além — das duas camas, só um fogão jacaré. Ele sonhou a vida toda com um emprego de motorista na cidade, "para ser gente fina", mas acabou ali, de onde já não tem mais esperança de sair. "A coisa tá tão feia lá no sertão, que eu não vou voltar mais não, mesmo com aqui parecendo um inferno", diz ele.